

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann direcção musical  
Christian Dierstein e Dirk Rothbrust percussão

5 Mar 2022 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Baldur Brönnimann sobre o programa do concerto.  
Vimeo . COM/684213101

APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **György Ligeti**

*Lontano* (1967; c.11min)

## **Rebecca Saunders**

*Void*, para duas percussões e orquestra (2013/14; c.23min)\*

PAUSA TÉCNICA

## **Henri Dutilleux**

Sinfonia n.º 1 (1951; c.30min)

1. Passacaille
2. Scherzo molto vivace
3. Intermezzo
4. Finale, com variazioni

\*Estreia em Portugal

## György Ligeti

DICSŐSZENTMÁRTON, 28 DE MAIO DE 1923

VIENA, 12 DE JUNHO DE 2006

### Lontano

*“A música parece brilhar, ser radiante. Em termos de dinâmicas isto é enfatizado por um crescendo, e nas alturas por uma subida gradual para regiões cada vez mais agudas, até que uma só nota, um ré sustenido, muito agudo, emerge e aí permanece, como se esta luz musical fosse primeiramente difusa, mas lentamente o carácter difuso desaparecesse e ficasse um único feixe direccionado. (...) No momento em que o ré sustenido agudo está presente (...), subitamente insinua-se um abismo, uma distância imensa, um buraco que perfura a música. É um momento que tem para mim uma irresistível associação com o maravilhoso quadro de Altdorfer, A Batalha de Alexandre (...), em que as nuvens azuis se separam e por detrás delas brilha um raio dourado de luz solar”.*

— Ligeti, citado em *György Ligeti: Music of the Imagination* (Richard Steinitz, 2003, p. 155)

Assim descreve Ligeti a parte final de *Lontano*, numa linguagem que facilmente se poderia estender ao conjunto da obra. Logo o início sugere essa ideia de um estudo sobre a luz e a cor, com a entrada sucessiva (e extremamente suave) de uns 15 instrumentos, um a um, todos na mesma nota, criando uma lenta oscilação no timbre orquestral: é sempre a mesma nota, mas a sua cor vai mudando. Talvez a única obra de Ligeti comparável seja *Lux Aeterna*, a célebre peça para coro de 1966 (utilizada por Kubrick em *2001, Odisseia no Espaço*), que constitui

uma espécie de apêndice ao seu *Requiem* (1965), complementando e contrariando o cenário predominantemente sombrio e apocalíptico deste com um banho intenso de luz.

A ligação a *Lux Aeterna* é mais directa do que se pode imaginar. Composto em 1967, um ano depois da peça coral, *Lontano* é uma espécie de orquestração — ou, melhor dizendo, uma recomposição — de *Lux Aeterna*. O material musical de base é o mesmo: em essência, uma sucessão de cânones extraordinariamente densos, tão densos que não ouvimos as vozes individuais, mas um efeito global de massa sonora em lenta evolução. Até as melodias desses cânones são as mesmas numa obra e noutra. Mas, ainda que igualmente luminoso, o efeito é muito diferente, da sonoridade mais austera de um coro a *cappella* para a exuberância das múltiplas cores da grande orquestra.

*Lontano* é, também, um título extraordinariamente apropriado, captando a ideia de distância — infinitamente remota — que a música evoca, com o seu carácter suave e misterioso, o seu lento devir, a sua ausência de ritmo e a sua enorme fluidez e plasticidade. Esse carácter de distância deve-se também à quase total ausência de eventos dramáticos, sugerindo uma espécie de viagem cósmica, longe do quotidiano das lutas humanas. De acordo com o próprio Ligeti, há também um sentido quase romântico nesta ideia de distância, ligado à música de Bruckner e Mahler. Passemos a palavra de novo ao compositor: *“Compreendemos a obra apenas dentro da nossa tradição. Se não conhecêssemos todo o Romantismo tardio, a qualidade de se encontrar a uma distância (...) não seria manifesta. Esta peça é nesse sentido tradicional, mas não literalmente (...); ela não usa citações directas da música romântica tardia, mas toca em certos tipos característicos dessa música”.*

DANIEL MOREIRA, 2019

## Rebecca Saunders

LONDRES, 19 DE DEZEMBRO DE 1967

**void** /vɔɪd. C13

F. *vuide* + *voider*, L. *vacare* + *vocitus*.

Vácuo, deserto, desprovido de.

Ausente, desaparecido, vazio.

Perda de, fenda e sem.

A curta prosa final dos treze *Texts For Nothing* (1947-52) de Samuel Beckett é um texto com grande poder e lucidez, em que momentos fugazes e intensamente frágeis, descrevendo uma voz sem boca que murmura incessantemente, são justapostos com erupções violentas de cólera. Regressei a esta prosa uma e outra vez enquanto compunha esta peça:

*“...uma voz murmurando um vestígio. Um vestígio quer deixar um vestígio, sim, como folhas de ar entre as folhas...”*

*...E vergonha de quem, em cada micromilisílaba surda, e uma infinidade inabalável de remorso vasculhando ainda mais fundo na sua picada, por ter de ouvir, ter de dizer, mais débil do que o mais débil murmúrio, tantas mentiras, tantas vezes a mesma mentira falsamente negada, de quem o silêncio penetrante da faca do não na ferida do sim, espanta-se...*

*...um dia para estar aqui, onde não existem dias, num não lugar, nascido da voz impossível o irrealizável, e um raio de luz, ainda tudo estaria silencioso e vazio e escuro, como agora, como logo agora, quando tudo estará terminado, tudo dito, aquilo diz, aquilo murmura.”*

Por baixo da superfície de silêncio encontra-se uma cacofonia de som e ruído, um potencial infinito por revelar e tornar audível. O acto de compor desvela, torna visível: puxando levemente o frágil fio de som, extraindo fragmentos de cor das profundezas, agarrando o momento e permitindo que o som irrompa da estase do silêncio imaginado.

*void* é dedicada a Christian Dierstein e Dirk Rothbrust, com um agradecimento pelas sessões sonoras exploratórias que desenvolvemos juntos.

REBECCA SAUNDERS, 2014

Tradução: Lúcio Machado

# Henri Dutilleux

ANGERS, 22 DE JANEIRO DE 1916

PARIS, 22 DE MAIO DE 2013

## Sinfonia n.º 1

O compositor francês Henri Dutilleux ocupa um lugar muito peculiar na história da música erudita ocidental. Ao apresentar duas sinfonias durante a década de 1950 (a primeira em 1951, a segunda em 1959), parecia colocar-se à margem do movimento vanguardista que então se afirmava na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Para compositores vanguardistas como Boulez, Stockhausen ou Nono, era liminarmente rejeitada qualquer ligação à música do passado — em especial à tradição clássica-romântica. Ora, nenhum género musical estava mais ligado a essa tradição do que a sinfonia. Por isso, para os vanguardistas, compor uma sinfonia em 1950 era visto como um acto esteticamente (e até moralmente) retrógrado. Não admira que Boulez tenha abruptamente virado as costas a Dutilleux quando o encontrou, em 1951, na noite da estreia da sua Primeira Sinfonia.

Apesar disso, Dutilleux nunca foi hostil à vanguarda. É certo que não chegou a adoptar a linguagem serial, com que a vanguarda tinha chegado a uma organização sistemática de uma música dissonante e atonal. Mesmo assim, numa entrevista publicada em 1997, Dutilleux viria a afirmar que concordava “com os compositores seriais em alguns pontos. Porque a música é uma ciência, não pode ser improvisada”. De resto, em obras posteriores à Primeira Sinfonia, a música de Dutilleux viria a tornar-se mais modernista, distanciando-se das formas clássicas e adoptando um estilo mais dissonante e atonal. É o que podemos ouvir já na sua Segunda Sinfonia (1959), assim como em

obras como *Métaboles* (1964) ou *Tout un monde lointain...* (1970). Aí reside o lugar especial de Dutilleux na história da música: simultaneamente clássico e modernista, tradicional e inovador.

Um aspecto importante a ter em conta, neste contexto, é que, tendo nascido em 1916, Dutilleux era de uma geração anterior à da generalidade dos compositores da vanguarda: Boulez, por exemplo, nasceu em 1925, Stockhausen em 1928, Nono em 1924. Isso significa que, enquanto que os vanguardistas tiveram os seus anos formativos já na década de 40, Dutilleux tinha feito o essencial da sua formação nos anos 30. Nesse período, em que estudou no Conservatório de Paris, a educação musical em França estava muito centrada em compositores como Ravel, Debussy, Fauré, Roussel e Poulenc. Muitos desses compositores viriam a ser amplamente rejeitados pelos vanguardistas (praticamente todos, tirando Debussy); Dutilleux, porém, nunca rejeitou essa tradição musical em que havia crescido. Ele próprio reconheceu, por exemplo, que a sua Primeira Sinfonia foi influenciada por Roussel (1869-1937), um compositor a quem “se deve dar o crédito de ter composto sinfonias numa altura em que ninguém em França o fazia”.

A Primeira Sinfonia de Dutilleux é, de qualquer modo, uma obra muito original. Apesar de conter quatro andamentos, distancia-se dos modelos clássico-românticos. Enquanto que estes enfatizavam o contraste e a tensão dramática entre dois (ou mais) temas contrastantes (sobretudo no primeiro andamento), Dutilleux adopta uma forma essencialmente monotemática. O primeiro andamento, por exemplo, constitui uma *passacaglia*, já que contém um tema continuamente repetido (ouvido primeiramente nos contrabaixos), sobre o qual outras ideias se vão desenvolvendo. No segundo andamento, encontramos um *moto*

*perpetuo* — um fluxo rítmico contínuo, imparável. No terceiro, temos uma melodia contínua que evolui gradualmente. Já o quarto andamento constitui um conjunto de variações (de um só tema).

Os andamentos são bastante contrastantes a nível expressivo. O segundo, por exemplo, tem um carácter frenético, mais exteriorizado. Já o terceiro revela um ambiente mais intimista, bem como uma aura nocturna de mistério e sonho. Essas são, de resto, temáticas muito comuns na música de Dutilleux, conforme se pode ouvir em obras mais tardias como *Ainsi la Nuit* (1976) ou *Timbres, Espace, Mouvement* (1978), baseado no quadro *A noite estrelada* de Van Gogh. O próprio Dutilleux descreveu o conjunto da Primeira Sinfonia como algo que se situa entre o real e o onírico: “Por uma espécie de simetria, a música emerge da sombra nos primeiros compassos para aí voltar a mergulhar nos compassos finais. Assim se estabelece uma transição entre o mundo real e o imaginário. É um pouco como o nascimento e o desenrolar de um sonho.”

Em 1987, o ambiente especial do terceiro andamento viria a chamar a atenção do realizador francês Maurice Pialat, que pediu a Dutilleux autorização para o usar no seu filme *Sous le soleil de Satin*. Embora este tenha accedido ao pedido, fê-lo com alguma relutância. Nas suas próprias palavras, “nunca tinha imaginado que uma das minhas obras fosse usada num filme e achei essa ligação absolutamente bizarra. Para mim, as minhas peças são música abstracta”. Curiosamente, Dutilleux tinha trabalhado em música menos abstracta nos seus primeiros anos, escrevendo frequentemente para teatro, rádio e cinema durante os anos 40. Aliás, ele compôs a sua Primeira Sinfonia enquanto trabalhava como director do serviço de ilustrações musicais da Rádio Francesa,

posto que ocupou durante quase 20 anos (de 1945 a 1963). Talvez a fronteira entre música abstracta e funcional (ou ilustrativa) não seja assim tão forte quanto Dutilleux poderia pensar. E o que é certo é que a sua música, sempre muito poética e atmosférica, naturalmente se presta a associações imagéticas e narrativas, fiquem elas (ocasionalmente) inscritas num filme, ou só sugeridas na mente do ouvinte.

DANIEL MOREIRA, 2022

## Baldur Brönnimann

### direcção musical

Baldur Brönnimann é um maestro de grande flexibilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, requisitado um pouco por todo o mundo. Profundamente comprometido em dirigir música clássica relevante no século XXI, encomenda diversas obras a compositores da actualidade e faz curadoria de festivais e ciclos de concertos. O projecto madrileno “Desclasificados” procura, através de uma série de concertos, dar voz e oportunidades a jovens artistas emergentes. Mantém também um forte compromisso com projectos educativos e sociais, dirigindo, sempre que possível, orquestras de jovens como a Junge Norddeutsche Philharmonie.

Apresentou-se em festivais como Wien Modern, Darmstadt, Mostly Mozart no Lincoln Center e BBC Proms, dirigindo obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier, Schnebel e Zimmermann. Tem trabalhado com alguns dos compositores mais importantes da actualidade tais como Harrison Birtwistle, Unsuk Chin, Helmut Lachenmann e Kaija Saariaho.

Das temporadas passadas, destacam-se colaborações com as Filarmónicas de Seul, Oslo e Bergen, as Orquestras de Câmara de Aurora e Munique e as Sinfónicas das Rádios de Frankfurt e Viena. Na temporada 2021/22 regressa à Sinfónica da Rádio de Frankfurt e ao Klangforum Wien; estreia-se com a Filarmónica de Tampere (Finlândia) e no Festival de Montreux com o flautista Emmanuel Pahud e a Orchestra della Svizzera Italiana.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer*

de John Adams na English National Opera; *L'amour de loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski, *The Little Match Girl* de Lachenmann (com o compositor no papel de narrador) e *Die Soldaten* de Zimmermann.

Enquanto Maestro Titular da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma original obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Em 2020, terminou o bem-sucedido mandato de seis anos como Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá, entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.



---

## **Christian Dierstein** percussão

Christian Dierstein tem-se afirmado como um dos mais interessantes intérpretes de música contemporânea do nosso tempo. Estudou com Bernhard Wulff na Escola Superior de Música de Friburgo e com Gaston Sylvestre em Paris. Venceu inúmeros concursos e recebeu bolsas de estudo da Studienstiftung des deutschen Volkes e da Akademie Schloß Solitude, Estugarda. É o percussionista do ensemble recherche, desde 1988, e faz parte do Trio Accanto juntamente com Marcus Weiss e Nicolas Hodges. Além do seu interesse pela música contemporânea, tem-se focado na música não-europeia e na improvisação livre.

Christian Dierstein tem dado concertos a solo por toda a Europa. Na temporada 2010/11 foi nomeado Rising Star pela ECHO (European Concert Hall Organisation). Destacam-se os concertos em salas como o Concertgebouw de Amsterdão, a Sala Rachmaninoff em Moscovo, o Suntory Hall em Tóquio e o IRCAM de Paris, nas cidades de Atenas e Roma, e ainda nos festivais de Berlim, Bruxelas, Donaueschingen, Huddersfield, Lucerna, Los Angeles (Monday Evening Concerts), Salzburgo, Schleswig-Holstein, Zurique, Wien Modern, Wittener Tage für neue Kammermusik e Festival d'Automne de Paris.

A sua discografia premiada tem sido editada por etiquetas como Kairos, Col Legno, Stradivarius, Winter & Winter ou Neon. Colabora regularmente com vários dos mais aclamados compositores vivos, incluindo Hans Abrahamsen, Beat Furrer, Hugues Dufourt, Helmut Lachenmann, Rebecca Saunders ou Salvatore Sciarrino.

Desde 2001, é professor de percussão e música de câmara contemporânea na Escola Superior de Música de Basileia (Suíça). Orientou

masterclasses em Buenos Aires, Berlim, Chicago, Los Angeles, Ghent, Madrid, Moscovo, Nova Iorque, Oslo, Pequim, Valência, Tiblíssi, entre outras. É um dos tutores de percussão dos Cursos de Verão de Darmstadt (2008-) e da Impuls Academy (2011) em Graz. É professor convidado regular em Madrid (2014-) e tutor na Academia de Lucerna (2017-).

---

## **Dirk Rothbrust** percussão

Dirk Rothbrust nasceu em Illingen (1968) e reside actualmente em Colónia (Alemanha). Entre 1986 e 1994 estudou nos conservatórios de música de Saarbrücken e Karlsruhe, com Franz Lang e Isao Nakamura.

Faz parte do Schlagquartett Köln (1995-) e do ensemble Musikfabrik (2005-). Tem sido um dos mais aclamados percussionistas a nível internacional, como membro de ensemble e como solista. É presença assídua em todos os principais festivais europeus de música contemporânea, colaborando com os mais influentes compositores e intérpretes da actualidade, tais como Maurizio Pollini, Martha Argerich, Peter Eötvös, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Peter Brötzmann e Mouse on Mars. Actualmente está a trabalhar com Pierre-Laurent Aimard e também em duo com Christian Dierstein. É frequentemente solista convidado das orquestras das rádios da Bavária, de Viena, NDR (Hamburgo), WDR (Colónia), SWR (Estugarda) e RSO (Berlim).

Vários compositores têm escrito peças a solo compostas para Dirk Rothbrust, entre os quais Rebecca Saunders, Enno Poppe e Isabel Mundry. Ensina percussão na Escola Superior de Música e Teatro (HfMT) de Colónia.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomárico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas, Pedro Amaral, Solange Azevedo e José Maria Sanchez-Verdú

— este último num cine-concerto com nova música para *A Queda da Casa de Usher*, filme clássico de Jean Epstein. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação das óperas *Senza Sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como *o Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

James Dahlgren  
Álvaro Pereira  
Roumiana Badeva  
Maria Kagan  
Evandra Gonçalves  
Emília Vanguelova  
Andras Burai  
Tünde Hadadi  
Alan Guimarães  
Vadim Feldblioum  
Vladimir Grinman  
Mafalda Vilan\*  
Raquel Santos\*  
Pedro Carvalho\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Catarina Martins  
Lilit Davtyan  
Pedro Rocha  
Karolina Andrzejczak  
Domingos Lopes  
José Paulo Jesus  
Francisco Pereira de Sousa  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev  
Catarina Resende\*  
Ana Luísa Carvalho\*

**Viola**

Lourenço Macedo Sampaio\*  
Anna Gonera  
Hazel Veitch  
Theo Ellegiers  
Luís Norberto Silva  
Biliana Chamlieva  
Emília Alves  
Jean Loup Lecomte  
Rute Azevedo  
Carlos Monteiro\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
João Cunha  
Michal Kiska  
Irene Alvar  
Hrant Yeranosyan  
Aaron Choi

**Contrabaixo**

Jorge Villar Paredes  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Francisco Osório\*

**Flauta**

Paulo Barros  
Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Telma Mota\*  
Tamás Bartók  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
João Moreira  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Maria Castro\*  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Luís Granjo  
Rui Brito

**Trombone**

Dawid Seidenberg  
André Conde\*  
Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano**

Vitor Pinho\*

**Celesta**

Raquel Cunha\*

**Guitarra**

Luís Eurico\*

**Acordeão**

Fernando Brites\*

\*instrumentistas convidados









APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

